

## ESCRavidÃO, RACISMO E SOCIEDADE: DEBRET NA SALA DE AULA E O DIÁLOGO ENTRE AS DISCIPLINAS DE HISTÓRIA E ARTES

Cleyton Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

Mariane Cristina da Silva<sup>2</sup>

*Resumo:* Numa proposta de diálogo entre História e Artes, o artigo busca analisar as obras de Jean-Baptiste Debret e sua interpretação sobre a sociedade brasileira no século XIX. Dessa forma, tem-se como finalidade, promover uma proposta interdisciplinar envolvendo as disciplinas de História e Artes, como instrumental no processo de ensino e aprendizagem, através da utilização das obras de Debret para a compreensão do Brasil, do sistema escravagista, bem como do próprio cotidiano nos oitocentos. A produção artística de Jean-Baptiste Debret é apresentada neste artigo como a inauguração do gênero artístico que buscou compreender a dinâmica social brasileira oitocentista, em razão das inovações concebidas tanto no aspecto iconográfico da representação da sociedade brasileira oitocentista, quanto no desenvolvimento do ensino de Artes no Brasil através da Missão Artística Francesa. Buscar-se-á, através de uma proposta interdisciplinar, compreender e interpretar o escravismo no Brasil.

*Palavras-chave:* Artes Visuais. História. Ensino e Aprendizagem. Jean-Baptiste Debret.

---

<sup>1</sup> Doutor em História econômica pela Universidade de São Paulo (USP) professor da Faculdade La Salle de Lucas do Rio Verde (MT). Endereço eletrônico: cleyton14santos@gmail.com.

<sup>2</sup> Licenciada em Artes Visuais pela FAPE — Faculdade de Presidente Epitácio (SP).

## SLAVERY, RACISM AND SOCIETY: DEBRET IN THE CLASSROOM AND DIALOGUE BETWEEN HISTORY AND ART COURSES.

*Abstract:* A proposal for a dialogue between History and Arts, the paper analyzes the works of Jean-Baptiste Debret and his interpretation of Brazilian society in the nineteenth century. Thus, we have intended to promote an interdisciplinary approach involving the disciplines of History and Arts, as instrumental in the process of teaching and learning through the use of the works of Debret to the understanding of Brazil, the slave system and the own daily in the eighteen hundreds. French Artistic Mission presents artistic production of Jean-Baptiste Debret in this article as the inauguration of the artistic genre that sought to understand the Brazilian corporate dynamic nineteenth century, because of innovations designed both iconographic aspect of the representation of nineteenth-century Brazilian society and in the development of education Arts in Brazil. Will pick you up through an interdisciplinary approach, understand and interpret slavery in Brazil.

*Keywords:* Visual Arts. History. Teaching and Learning. Jean-Baptiste Debret.

### 1 Introdução

O diálogo entre disciplinas distintas, no contexto educacional da atualidade, emerge como um instrumento imprescindível no processo de ensino e aprendizagem. História e Artes, em sentido dialógico, podem preencher uma lacuna em relação às abstrações no Ensino de História. Ou seja, materializar as representações de determinado período em sala de aula, fazer com que o aluno identifique o tema e/ou conteúdo com a obra refletida em seus olhos.

Dessa forma, o olhar inclina-se para as obras de Jean-Baptiste Debret, uma vez que estas são, em sua grande maioria, direcionadas a uma interpretação crítica dos escravos e do próprio sistema escravagista no Brasil do século XIX, além dos indígenas ilustrados em suas telas. Seu conjunto de imagens carece de um estudo sistemático que revele todo seu contexto inserido no tempo. Não apenas no passado, mas também no presente. O lugar do indivíduo, do aluno, enquanto sujeito histórico.

Jean-Baptiste Debret é apresentado, não apenas neste trabalho, mas também aos alunos, como fundador deste gênero artístico que volta o olhar sobre a sociedade brasileira oitocentista, em razão das inovações concebidas tanto no aspecto iconográfico da representação da sociedade brasileira no século XIX, quanto no desenvolvimento do ensino de Artes no Brasil através da Missão Artística Francesa, com a inauguração da Academia de Belas Artes.

Sem sombra de dúvidas, vários artistas da chamada Missão Francesa foram importantes no processo de inserção do ensino de Artes no Brasil, principalmente Nicolas Antoine Taunay. As obras desses artistas revelam um viés descritivo e, principalmente interpretativo do meio social em que estavam inseridos, muitas vezes dispostas em ordem cronológica. Assim, através da análise das iconografias e dos temas apresentados é possível descobrir a construção de um discurso histórico dos artistas a partir das observações de dados e situações reais e concretas (DIAS, 2001, p. 4).

Conforme mostra a historiadora Elaine Cristina Dias (2001, p. 4),

Jean-Baptiste Debret não é somente fiel em suas representações, mas também exerce a função de criador de cenários e situações que transmitem a veracidade dos fatos, tendo em vista as escolhas de

determinados efeitos causados pela composição, derivados de sua formação neoclássica em Paris.

Dessa forma, percebe-se que ao lado do conjunto de imagens que nos fornecem elementos significativos ao entendimento daquele período histórico, político, econômico e social do Brasil ainda em fase de desenvolvimento e formação; as imagens contidas nas obras de Jean-Baptiste Debret tornam-se fundamentais para a compreensão da proposta cultural, histórica e iconográfica presentes na produção artística deste notável interprete do Brasil oitocentista.

Assim, o objetivo do presente artigo é, justamente, analisar e compreender as obras de Jean-Baptiste Debret e sua interpretação sobre a sociedade brasileira no século XIX, além da sua utilização em sala de aula. Promover, então, um ativo diálogo interdisciplinar e fazer com que as disciplinas de Artes e História, através da utilização das obras de Debret, sejam instrumentos culturais e históricos para a compreensão do Brasil, do sistema escravagista, bem como da cultura e do próprio cotidiano no século XIX.

A metodologia desse estudo baseia-se numa pesquisa de natureza teórica, com a abordagem qualitativa no qual buscou-se relacionar a produção artística de Jean-Baptiste Debret, tanto no ensino de Arte quanto no ensino de História. Com relação aos objetivos, é explicativa, já que correlaciona disciplinas distintas, Artes e História, para posteriormente juntá-las, explicando assim a proposta do estudo, em que as fontes de dados são de cunho secundário.

Optou-se por dividir o presente artigo em quatro partes. Na primeira “A Missão Francesa no Brasil” faz-se uma análise da chamada Missão Francesa no Brasil. Como se verificou, houve uma forte influência da Escola de Artes Francesa no processo de construção de um Ensino de Artes propriamente sistematizado no Brasil a partir dos integrantes desse

grupo de artistas, dos quais eram integrantes o próprio Jean-Baptiste Debret e Nicolas Antoine Taunay.

Na segunda parte “O diálogo entre Artes e História” apresentou-se uma discussão acerca do diálogo entre as disciplinas de Artes e História. Mostrou-se a importância do trabalho interdisciplinar e sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, procurou-se evidenciar os ganhos e os avanços quando se materializa uma inter-relação entre estas disciplinas.

Na terceira parte “As obras de Jean-Baptiste Debret em sala de aula” faz-se breves observações das obras de Debret, bem como sua própria experiência no período em que interpretou o Brasil e a sociedade brasileira à época, qual seja, Brasil Monárquico, escravista e fortemente hierarquizado.

Na quarta e última parte, procurou-se materializar algumas reflexões sobre a utilização das obras deste eminente artista em sala de aula e a inter-relação do Ensino de História com o Ensino de Artes. Apresentou-se, também, nesta parte, um Plano de Aula, no qual buscou-se envolver os estudantes, através das obras de Jean-Baptiste Debret, bem como materializar o diálogo entre as disciplinas de História e Artes Visuais.

## **2 A missão francesa no Brasil**

As circunstâncias muitas vezes definem o destino de uma nação. Tais circunstâncias foram determinantes nos rumos tomados pela Corte Portuguesa, bem como sua Colônia no Novo Mundo. No início o século XIX, com a invasão do exército de Napoleão Bonaparte ao território Português, a Corte Portuguesa instalou-se na Colônia transferindo toda sua estrutura administrativa, fato este que ficou conhecido como “a interiorização da metrópole”.

Dotado de preocupações relacionadas ao desenvolvimento cultural da população da nova Corte, D. João VI transfere os insumos básicos para a instalação de uma gráfica. Nesta gráfica foram impressos os primeiros livros e um jornal chamado *A Gazeta do Rio de Janeiro*. Neste período o Brasil sofreu forte influência da cultura europeia. A Corte intensificou o processo de urbanização e modernização do local. A influência da cultura francesa era consideravelmente marcante, a qual intensificou-se com a chegada de um grupo de artistas franceses, a chamada “Missão Francesa”.

Os portugueses entendiam a França como o berço da “cultura” e da civilização (SCHWARCZ, 2008). Porém, os franceses viam no Brasil a utopia da terra edênica e sem males e do eldorado possível. Para os franceses, de acordo com a historiadora Lilia Moritz Schwarcz (2008, p. 56),

O Brasil surgia como local da grande flora e da fauna diversificada. No entanto, a colônia parecia, também, um continente misterioso com suas gentes de costumes estranhos. Os franceses pareciam querer, portanto, redescobrir um país conhecido há muito tempo e o desejo reprimido por tantos anos era agora transformado em realidade. Paradoxalmente, essa era a mais exótica e a mais civilizada das colônias americanas: uma monarquia cercada de repúblicas por todos os lados. A colônia portuguesa era sim, um imenso desafio a resumir e reunir as riquezas e imaginário dispersos por toda América.

Dessa forma, marcados por esse espírito ambivalente entraram cientistas, como Auguste Saint-Hilaire, artistas acadêmicos daquela que ficou conhecida, conforme se mencionou anteriormente, a “Missão Francesa” — que era composta por intelectuais e artistas como Nicolas Antoine Tournay, Jean-Baptiste Debret, Grandjean de Montigny, entre outros —, bem como cronistas como Ferdinand Denis, que se

deixariam contaminar, mas, também alterariam, e muito a paisagem local (SCHWARCZ, 2008, p. 56).

A chamada “Missão Francesa” não foi um convite da Corte, e sim iniciativa de um grupo de indivíduos determinado a sair de um país como a França convulsionada com o objetivo de levar a civilização aos trópicos. Dessa forma, conforme relata a historiadora Carolina Bertioli (2006, p. 20), por se tratar de bonapartistas, caíram em desgraça com a queda de Napoleão. Sem espaço na França, vieram para o Brasil e contribuíram consideravelmente para a estruturação e o ensino de Artes no Brasil.

De acordo com Mirian Martins, Gisa Picosque e Terezinha Guerra (2010, p. 10-11),

A missão artística francesa veio ao Brasil com a finalidade de mudar os padrões estéticos que vigoravam na época. Com a vinda da missão francesa, em 1816, foi criada a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios no Rio de Janeiro.

Ora, como se sabe, conforme mencionaram Mirian Martins, Gisa Picosque e Terezinha Guerra (2010), após a Proclamação da República a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios foi transformada em Academia e Escola de Belas Artes. Segundo estas autoras,

O ponto forte era o desenho, com a valorização de cópia fiel de modelos europeus. A partir deste ato se oficializou o ensino artístico no Brasil. Tempos depois sua clientela mudou a partir daí começaram a ser frequentada pelos ricos e aristocratas e todos começaram a dizer que arte era luxo somente ao alcance de uma elite privilegiada, nessa época então surgiu o preconceito pela arte, devido, principalmente a elitização do consumo das artes (MARTINS; PISCOSQUE; GUERRA, 2010, p. 11).

Nicolas-Antoine Taunay, pintor francês passou quase cinco Anos no Brasil, entre (1816 e 1821), o qual foi, sem sombra de dúvidas, espaço temporal adequado para implantar, sobre a História da Arte no Brasil, questões importantes que, até hoje, geram debates. No livro *O Sol do Brasil*, a historiadora Lilia Moritz Schwarcz (2008), ao mesmo tempo em que nos oferece novas respostas sobre a passagem de Nicolas-Antoine Taunay por terras brasileiras, abre outras questões que interferem em proposições há muito debatidas pela historiografia brasileira do século XIX, como, por exemplo, a existência de um grupo de artistas, claro que muito bem articulados entre si, oriundos da França, que teriam vindo ao Brasil por meio de um convite do Príncipe Regente D. João VI.

Nesse ambiente é que Taunay fora formado. Nascido em 1755, numa família dedicada às artes aplicadas e acostumado a prestar serviços à corte francesa, ele recebeu uma formação destinada a prepará-lo para o mundo da pintura. Entre 1777 e 1784, a carreira do pintor tomava forma, com sua aceitação no ambiente artístico parisiense, na Academia Real de Pintura e com a viagem-residência a Roma (uma “obrigação” para aqueles que almejavam postos de sucesso nas artes da época), que aguçara sua predileção pela pintura de paisagem.

Conforme escreveu Lilia Moritz Schwarcz (2008, p. 102),

Como pintor de paisagem, Taunay desenvolveu no Brasil trabalhos de maestria ímpar, repletos de detalhes que nos permitem compreender o estranhamento de um pintor formado na tradição francesa, que aportou em um ambiente luminoso e diverso de tudo o que estava habituado. O sol era demasiado forte e, as cores, diferentes.

A obra de Taunay é marcada por características que revelam uma interpretação imbuída, como não poderia deixar de ser, de elementos oriundos de sua cultura. Como a própria autora salienta, “fatos visuais são construções imaginárias” (SCHWARCZ, 2008, p. 247).

De acordo com o historiador Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (2014, p. 363)

A escravidão, por exemplo, era algo difícil de retratar. Taunay sempre representava os escravos como uma mancha escura na tela. Isso se explica justamente pelo fato de ser algo novo para ele. Outro exemplo é com relação à paisagem tropical: em algumas obras, as casas cravadas na paisagem poderiam ser confundidas com as cidades italianas.

Outra característica interessante da pintura de Taunay é a presença de animais em diversas obras, um cachorro observando a cena ou uma vaca que pasta calmamente. Emerson Oliveira (2014) comenta que tal fator evidencia alguma forma de intimidade do pintor com o ambiente no qual se encontrava, apesar de se sentir pouco à vontade.

Ora, Taunay tinha suas lentes mergulhas em um caldo cultural europeu que ele trouxe para o Brasil. Pode-se afirmar que: Taunay mantém-se sempre como um observador longínquo, que se deixa contaminar pela paisagem local, mas a traduz em seus próprios termos. Ele estava no Brasil, mas permanecia de certo modo na Europa (SCHWARCZ, 2008, p. 273).

### **3 O diálogo entre história e artes na educação**

Pensar o ensino de História e Artes é pensar modos de gerar processos educativos propositores de ações para poetizar, fruir e conhecer não apenas a arte ou as próprias obras

em si, mas também todo processo de interpretação da sociedade da época, ou seja, da própria história.

Perpassando a própria trajetória da produção artística, múltiplos acontecimentos, personagens e épocas têm fornecido a matéria-prima para o exercício de uma particular linguagem que alcançou intensa repercussão ao longo do século XIX e XX, incorporando-se à cultura brasileira. Assim, como apontam Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque e Maria Terezinha Guerra (2010, p. 10) que desde o tempo do “achamento europeu do Brasil recebemos influências de várias culturas, que foram incorporadas, metabolizadas por nós, configurando a diversidade da cultura brasileira expressa nas nossas singularidades regionais”.

Ainda de acordo com estas autoras,

O que mais caracteriza a unidade e a diversidade de um país, senão sua música, seu teatro, suas formas e cores, sua dança, folclore, poesia? Nessas manifestações, sempre fruto de uma amálgama cultural, é que estão mais fortemente gravados os sentimentos e pensamentos de um povo (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 10).

Dessa forma, conforme mencionado no capítulo anterior, as questões relacionadas ao ensino de artes no Brasil têm forte referência na chamada Missão Francesa. Sem sombra de dúvidas, o diálogo entre as disciplinas de História e Artes se fazem necessárias no processo de compreensão da sociedade brasileira no século XIX a partir das obras de autores como Jean-Baptiste Debret e Nicolas Taunay.

Assim, de acordo com Flávia Cóprio Esteves (2010, p. 481),

Na perspectiva de uma estreita vinculação entre pesquisa e ensino de artes e história, e uso de diferentes fontes e linguagens — compreendidas entre imagens, obras literárias e artísticas, artigos de

jornal, filmes e música — compõe um terreno fértil para pensar a sala de aula não como um local de simples transmissão do conhecimento, mas como momento e espaço de produção do saber, relacionados ao ensino de Artes e História.

Porém, antes de ensinar algo ou desenvolver uma temática, o professor precisa ser conhecedor do que pretende ensinar para que possa mediar a aprendizagem. Precisa conhecer, por exemplo, a História e a Arte, relacionando ideias e tendências de outras épocas e localidades, objetivando que os alunos compreendam as referidas disciplinas.

Nesse sentido, conforme aponta Dias da Costa (2012, p. 9-10) sabe-se que a História e a Artes estão interligadas pela expressão do homem em seus registros pré-históricos. Por isso, pode-se trabalhar o diálogo dessas áreas do conhecimento através de determinados projetos, com vistas à abordagem de conteúdos e contextualização dos temas trabalhados em sala de aula.

Pelo exposto acima, conforme discorre Dias da Costa (2012, p. 11) pode-se afirmar que a experiência do trabalho com temas relacionados às obras de determinados autores, como por exemplo Debret e Taunay, pode proporcionar o conhecimento de como transmitir os conteúdos de Arte e História de forma clara e objetiva, sem que houvesse a imposição de uma área sobre a outra, mas que se complementassem, transmitindo-se através da história os sentimentos e as memórias que os indivíduos que viveram na sociedade brasileira oitocentista.

Em vista disso, o professor precisa estar ciente da necessidade de ser um mediador flexível, buscando sempre o melhor para o aprendizado de seus alunos. Assim, deve-se fazer uso do diálogo entre as disciplinas todos os dias, para que os alunos discutam os conteúdos ministrados e sociali-

zem os conhecimentos, tornando a aprendizagem mais produtiva (COSTA, 2012, p. 14).

Nesse sentido, Pimenta (apud COSTA, 2012, p. 15) afirma que:

O professor, em sua ação docente, precisará reconhecer ao acontecimento das áreas na qual é especialista, ao conhecimento pedagógico e ao conhecimento do sentido e significado da educação na formação humana. Esses saberes são mobilizados por ele no contexto das experiências que acumulou em suas vidas sobre ser professor sobre a escola e o aluno, contribuindo assim para a construção coletiva da identidade docente.

Trabalhar determinadas questões envolvendo múltiplas disciplinas, como Artes e História, não é um trabalho fácil para alguns educadores, mas é um desafio que precisa estar em constante estudo, visto que o educador é o principal articulador do saber, é quem promove e incentiva o aluno a buscar, pesquisar, descobrir, realizar e aprender. E isso acontece quando existe uma reflexão, o pensar crítico sobre o que se aprende. Desse modo, a teoria não fica restrita às técnicas e formas, mas é materializada através da prática docente em sala de aula.

Dessa forma, como educadores, precisamos ter uma determinada postura no diálogo entre as disciplinas na hora de se ensinar Arte e História, refletindo sobre a metodologia, a teoria e a prática. Conforme argumenta Ercilândia Dias da Costa (2010, p. 16) devemos nos perguntar então: "O que e como meu aluno pode aprender?" Cabe ao professor se planejar e estudar a questão da interdisciplinaridade, da relação entre os conhecimentos a serem abordados.

Dentro desse contexto, Ana Amália Barbosa (2008, p. 38) argumenta que:

[...] o educador que trabalha a interdisciplinaridade na sala de aula preenche a lacuna entre a teoria e a prática entre o contextualizar e o fazer. Contextualizar é estabelecer relações. Nesse sentido, a contextualização no processo ensino-aprendizagem é a porta aberta para a interdisciplinaridade.

Assim, deve-se levar em consideração as estratégias em sala de aula para levar o aluno à reflexão crítica do conteúdo em voga. Determinados fatos históricos podem ser explicados perfeitamente através de instrumentos e imagens relacionados a Artes. Nota-se, perfeitamente, por exemplo, que a Guerra Civil Espanhola pode ser representada por meio da obra *Guernica*, de Pablo Picasso. Porém, conforme aponta Ana Mae Barbosa (1989, p. 172):

Apreciação artística e história da arte não têm lugar na escola. As únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins dos livros didáticos, as imagens das folhas de colorir, e no melhor dos casos, as imagens produzidas pelas próprias crianças. Mesmo os livros didáticos são raramente oferecidos às crianças porque elas não têm dinheiro para comprar livros. O professor tem sua cópia e segue os exercícios propostos pelo livro didático com as crianças.

Ainda de acordo com Ana Mae Barbosa (1989, p. 173):

Mesmo nas escolas particulares mais caras a imagem não é usada nas aulas de artes. Eles lecionam artes sem oferecer a possibilidade de ver. É como ensinar a ler sem livros na sala de aula. Em São Paulo há somente duas escolas que usam regularmente imagens nas aulas de artes. A primeira, uma escola para a elite, usa a imagem em um convencional curso de história da arte para alunos do 2º grau. A segunda é uma escola particular, preferida pelos intelectuais para suas crianças, que incorpora a gramática visual, a história e a prática.

Percebe-se, então, que os recursos visuais são fundamentais para a compreensão da cultura, do cotidiano, do contexto, bem como da própria existência do indivíduo. O diálogo entre as disciplinas de Artes e História é, portanto, fundamental para os alunos compreenderem as relações sociais cotidianas e suas próprias experiências.

#### **4 Jean-Baptiste Debret na sala de aula**

Artista de formação neoclássica, Jean-Baptiste Debret viveu no Brasil entre os anos de 1816 e 1831, período em que criou uma infinidade de imagens sobre o país, desde pinturas históricas para a Monarquia até pequenas aquarelas contemplando a vida cotidiana. Tendo sido pouco lembrado pelos brasileiros durante o século XIX, Debret seria especialmente lembrado no século XX (TREVISAN, 2011, p. 8). Partindo de sua forma crítica oitocentista, passando pelos colecionadores e pela crítica modernista, bem como pelo mercado editorial da época (com destaque para a *Revista da Semana*), tem-se, então, a pretensão de compreender as obras mais significativas deste artista, bem como sua utilização em sala de aula para a compreensão da cultura e do cotidiano da sociedade brasileira oitocentista.

Nesse sentido, o que se busca nesta seção do presente trabalho é introduzir algumas questões relacionadas ao diálogo, sempre presente e fértil, entre História e Artes, a partir de algumas reflexões acerca das obras de Jean-Baptiste Debret, principalmente aquelas relacionadas ao cotidiano e cultura da sociedade brasileira à época, ou seja, durante a primeira metade do século XIX.

#### 4.1 Artes visuais para a compreensão da história

As relações sociais cotidianas e experiências subjetivas de sujeitos históricos podem, sem sombra de dúvidas, serem reproduzidas em sala de aula através da produção artística de determinado período. As obras artísticas são produzidas e determinadas por representações, principalmente na trama das relações de poder no âmbito público ou privado. Especificamente sobre as obras de Debret, no que tange ao cotidiano escravista no Brasil oitocentista, as representações deste cotidiano saltam aos olhos em cada obra analisada.

De acordo com a historiadora Valéria Alves Esteves Lima (2003, p. 11),

[...] o avanço de nossos conhecimentos a respeito deste artista e de sua obra, que é, na verdade, um produto altamente significativo de sua experiência no Brasil e de suas intenções com relação à imagem que queria dar ao país. Com relação ao artista, também somos influenciados por um juízo que tende a enxergar Debret como um artista de talento limitado, apesar de alguns críticos reconhecerem a originalidade de suas composições, sobretudo de sua produção brasileira. Os elogios concentram-se, sobretudo, no caráter documental de sua obra, que constitui um dos maiores *corpus* de imagens sobre o Brasil daquela época, caráter este que vem sendo alvo de questionamentos e revisões críticas.

Dessa forma, percebe-se, então, o caráter de documento histórico que tem as obras de Jean-Baptiste Debret. Através das representações das referidas obras se pode ter a compreensão da sociedade brasileira do século XIX. Debret procurou, sem sombra de dúvidas, reproduzir o cotidiano senhorial e escravista do Brasil nos oitocentos. Assim, por meio dos olhos deste artista pode-se ilustrar, em sala de aula, a sociedade brasileira oitocentista, concretizando um tema que antes era carregado de abstrações, como a escravidão.

Existia, claramente, além das representações, um discurso em torno das obras sobre o Brasil. De acordo com Valéria Alves Esteves Lima (2003, p. 9), no seu conjunto, as imagens de Debret ensaiam uma interpretação do Brasil, sendo este um dos aspectos que mais tem concentrado a atenção dos pesquisadores.

Assim, a partir da leitura dos escritos de Wilson Coutinho, que atribuiu ao olhar de Debret a qualidade de “classificatório”, voltado para o “inventário” da realidade brasileira, acreditamos chegar, enfim, a uma interpretação que fazia justiça ao artista francês e à sua contribuição para a compreensão do passado brasileiro (COUTINHO, 1990, p. 8).

Sem sombra de dúvidas, conforme argumenta Valéria Alves Esteves Lima (2003, p. 9)

Classificar e inventariar são procedimentos que inserem Debret na tradição dos viajantes naturalistas, afirmando a importância histórica de seu discurso, mas não esgota sua ação. Diante da postura de explorador naturalista, que tinha a intenção declarada de apreender a realidade de outras terras e apresentá-lo de acordo com critérios cientificamente estabelecidos, o procedimento empregado por Debret reflete outras intenções. Quando se dedica aos trabalhos oficiais, é sua identidade de pintor histórico que prevalece. Quando coleta suas imagens, que refletem aspectos de um cotidiano ainda desconhecido do público europeu, Debret aproximase da postura dos exploradores naturalistas. Quando seleciona, dentre todos os registros efetuados no Brasil, aqueles que irão integrar sua obra, estamos diante do Debret filósofo, capaz de refletir sobre a realidade a qual esteve inserido e, sobretudo, a melhor forma de traduzi-la. Aprendera que a arte precisa atender às necessidades do momento e que o artista é, neste sentido, responsável pela adequação entre arte e história.

Debret, então faz uma leitura do Brasil a partir de sua inserção no cotidiano e na cultura da sociedade brasileira à época. Surge, então, uma espécie de artista-historiador que produziu uma espécie de reprodução das suas experiências, vivências e memórias. Conforme aponta Valéria Alves Esteves Lima (2003, p. 10)

O Debret historiador comparece, então, no momento de elaboração dos textos e organização do material para construção das obras. Nesta etapa, que é a da explicitação de sua imagem a respeito do Brasil, Debret se esforça por dar aos registros que executara uma atualidade histórica que muitos já não possuíam o que poderia comprometer o conteúdo desejado do discurso. Sabemos, por outro, lado que na história da literatura e pintura de viagem, os registros eram publicados bem depois da experiência do viajante-artista, ainda que, nestes casos, as razões fossem, geralmente, de caráter operacional, o que não significava que houvesse uma alteração das informações originais das obras ou relatos.

Tais motivos não explicam totalmente o caso de Debret, o que torna este procedimento — utilizar imagens que já não correspondem ao quadro que se quer traçar — um ponto importante para entender o esforço do artista em dar às imagens uma utilidade dentro de seu discurso sobre o Brasil, bem como sua própria proposta de interpretação da sociedade, cultura e cotidiano brasileiro no século XIX. Ao invés de tomá-las como dados que ilustram uma experiência de viagem, a partir da qual o viajante tem a responsabilidade de mostrar a realidade visitada, e experimentada, à determinado leitor, Debret parte da construção de um pensamento e interpretações a respeito do Brasil — a sociedade, cultura e cotidiano — e faz com que suas imagens “falem” a um determinado público, a partir das suas reflexões representadas e materializadas nas obras.

Acima de tudo, Debret produziu obras históricas que devem ser trabalhadas de maneira dialogal entre estas disciplinas. Antes de qualquer coisa, convém que nos debrucemos sobre os mecanismos de apropriação de Debret da sociedade brasileira e de sua história, tal qual a testemunhara em seus quinze anos de permanência no Brasil. Além do período que aqui viveu, acumulando experiências e reflexões a respeito da sociedade, da cultura e do próprio país, Debret certamente contava com uma visão do Brasil através da leitura de outros viajantes, o que influenciou consideravelmente sua obra.

Dessa forma, como bem mostrou Valéria Alves Esteves Lima (2003, p. 231)

Uma vez que sua função de pintor de história, seja na Academia de Belas Artes, junto à corte portuguesa ou mesmo nas ruas, perpassa toda a sua experiência brasileira, suas imagens traduzem, por si mesmas, estes mecanismos de apropriação. São elas que orientam seu relato, ao mesmo tempo em que contém em si a autoridade de seu discurso histórico. A pretendida e anunciada “fidelidade à verdade” é, também ela, uma construção, assim como o são as imagens e o plano da obra.

Adiante, Valéria Alves Esteves Lima (2003, p. 232) ilustra a paisagem social que Debret viveu e foi profundamente influenciado.

Seu ponto de observação é, como sabido, a cidade onde viveu. O Rio de Janeiro vinha passando, desde o momento da chegada da corte portuguesa, por uma transformação contínua. O novo ritmo imposto por uma população que crescia sem parar, demandando cada vez mais serviços e condições de moradia, acelerou a vida na cidade. Na condição de capital do Reino, tornou-se palco de grandes cerimônias oficiais, viu crescer e tomar conta de suas ruas um contingente de escravos de características bem

específicas, foi porta de entrada e local de permanência de inúmeros viajantes e imigrantes estrangeiros que aqui chegaram e foi, por assim dizer, um espelho da crise do antigo sistema colonial.

Dessa forma, não é simplesmente um trajeto ou uma estada em determinado local que Debret estará a descrever, mas um projeto intelectual a respeito da marcha da civilização brasileira. Para tanto, as imagens e as obras deste notável artista, muitas vezes tinham a função de constituir as evidências de uma trajetória artística e intelectual que se quer dada como em processo de superação ou, em alguns casos, de uma imagem que se quer consolidar a respeito da cultura e cotidiano da sociedade brasileira durante o século XIX.

## **5 As obras de Debret e o ensino de história e artes**

As obras de Jean-Baptiste Debret estão inseridas em um contexto ímpar de transformações na sociedade brasileira. Ele não apenas ilustrou a sociedade brasileira em uma determinada conjuntura e tempo, mas também interpretou essa mesma sociedade em seu próprio tempo. Debret estava, então, inserido em todo esse contexto e “caldo cultural” à época.

A contribuição das obras deste artista, indubitavelmente, para o ensino de História e Artes é inegável. Dessa forma, conforme apontam Maria Heloísa Ferraz e Maria de Resende e Fusari (2010, p. 107) o principal sentido da obra de arte é, justamente, a sua capacidade de intervir no processo histórico da sociedade e da própria arte, ao mesmo tempo ser por ele determinado, explicitando a dialética de sua relação com o mundo.

Dessa forma, influenciada pela história e fazendo história, a obra de arte com seus produtores e expectadores

mostra seus percursos temporais e espaciais (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 107). Debret estava, então, profundamente imerso em um determinado tempo vivido no interior daquele espaço. Tempo e espaço em sentido dialógico se fundem em um movimento único dentro da concepção do artista e se materializaram em sua obra.

As obras de Jean-Baptiste Debret, em um movimento temporal, contribuem, decisivamente na materialização do passado vivido projetando um futuro idealizado, que é cristalizado, evidentemente, no presente. O ensino de História e Artes, dessa forma, ganha consideravelmente com sua recepção em sala de aula, onde um determinado conteúdo carregado de abstrações se concretiza aos seus olhos de forma sensível e única.

Dessa forma, como propõe Maria Heloísa Ferraz e Maria de Resende e Fusari (2010, p. 107),

O reconhecimento de que o processo de criação só se completa durante a recepção que recria o fato artístico, faz com que essa atividade do espectador seja tratada como parte integrante da obra. As diversas maneiras e níveis de recepção da obra de arte interferem na forma (dentro de uma concepção de "obra aberta") e significados propostos pelo autor, atribuindo-lhes novos sentidos.

A sala de aulas e os alunos, portanto serão os receptores das obras de Debret no presente. As experiências do artista serão materializadas de forma unívoca como instrumento de inserção e concretização através do diálogo entre as disciplinas de História e Artes. A discussão de determinados temas, como por exemplo a escravidão, será enriquecida, sobremaneira, com a apresentação das obras de Debret, que, quando se volta para a contemporaneidade, pode contribuir para a superação do racismo em sala de aula.

Conforme mostram Maria Heloísa Ferraz e Maria de Resende e Fusari (2009, p. 21),

Os autores ou artistas, com suas diferentes origens, histórias e experiências pessoais, procuram imaginar e inventar “formas novas” com sensibilidade, para representar e expressar o mundo interior e sua relação com a natureza e o cotidiano cultural. Fazem isso em diversas linguagens, artísticas, técnicas, materiais, em diferentes situações e complexidade de pensamento e emoção. E quando estão se expressando ou representando com sensibilidade e imaginação o mundo da natureza e da cultura, os autores de trabalhos artísticos também agem e reagem diante das pessoas e do próprio mundo social. Com isso criam novas realidades e a realidade de cada obra, que é revelada no ato criador. [...] Ao produzir seu próprio trabalho e acompanhar os de seus companheiros de outros povos e cultura eles têm condições de identificar e reconhecer e valorizar as diferenças de produções culturais e até de ter novos entendimentos de arte.

Para que ocorra a materialização deste conteúdo em sala de aula é necessário que todos estejam abertos ao diálogo, que sejam capazes de reconhecer aquilo que lhes falta e que podem ou devem receber dos outros. Só se adquire essa atitude de abertura para o diálogo no decorrer do trabalho em equipe juntamente com os responsáveis pelas disciplinas. Para que todos estejam abertos ao diálogo é necessário haver uma tomada de consciência, primeiramente individual. Assim, conforme aponta Ivani Fazenda (2006, p. 136), não existe cumplicidade no ato de educar se não houver um encaminhamento consistente e democrático do processo de ensinar e aprender.

O diálogo entre disciplinas diferentes, mas que se complementam, também é ensinado, e só é possível ser vivenciado de forma efetiva, se for proporcionado

aos alunos diversas oportunidades de saber ouvir e saber falar e é na prática do trabalho em equipe, onde a partilha se faz necessária para realizar novas práticas que tenham aprendizagens transformadoras e significativas (FAZENDA, 2006, p. 138).

Nesse sentido, as obras produzidas por Jean-Baptiste Debret exercem um poder de transformação em sala de aula. Os alunos em pleno século XXI terão a oportunidade de “experimentar” a cultura e o cotidiano da sociedade brasileira do século XIX, quase produzindo uma espécie de “viagem no tempo” através das representações e todo o simbolismo que carrega cada obra deste artista que fez uma leitura atenta e interpretou o Brasil, sua cultura e a sociedade oitocentista como nenhum outro.

## **5.1 Plano de Aula: Dia da Consciência Negra.**

Exemplo claro de como se utilizar as obras de Jean-Baptiste Debret em sala de aula é abordar o tema do racismo no Dia da Consciência Negra comemorado no dia 20 de novembro. Este dia emergiu como data especial em homenagem ao Zumbi dos Palmares, símbolo da luta contra a escravidão no Brasil, assassinado pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, justamente no dia 20 de novembro do ano de 1695.

Plano de Aula: Dia da Consciência Negra.

Público Alvo:

Ensino Fundamental.

Temas abordados:

História, Artes Visuais, Diversidade e Racismo.

Objetivo Geral:

Educação em História e Artes voltada para a sensibilização da importância da valorização do indivíduo, longe de preconceitos e racismo, bem como observar a importância do negro para a formação social e econômica do Brasil.

Objetivos Específicos:

Valorização da cultura e dos costumes africanos e sua influência no Brasil;

Observar a formação social do Brasil sob a ótica africana na constituição no “povo brasileiro”;

Analisar a compreender o processo de construção da cultura negra e seu embranquecimento ao longo do tempo;

Entender o processo de gênese das religiões afro-brasileiras, bem como seus costumes.

Metodologia:

A metodologia a ser utilizada está intimamente relacionada à apresentação das obras de Jean-Baptiste Debret em sala de aula. Dessa forma, de acordo com as necessidades em sala de aula, bem como a realidade da turma e do local, vai-se estabelecer os problemas e propor conteúdos específicos de acordo com o tema, qual seja, o Dia da Consciência Negra.

Avaliação:

As avaliações ocorrerão no decorrer do processo de ensino e aprendizagem e, ainda, de acordo com as particularidades de cada aluno.

### *5.1.1 Obras a serem trabalhadas em sala de aula*

Jean-Baptiste Debret, em sua obra “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”, retrata e faz uma leitura da paisagem

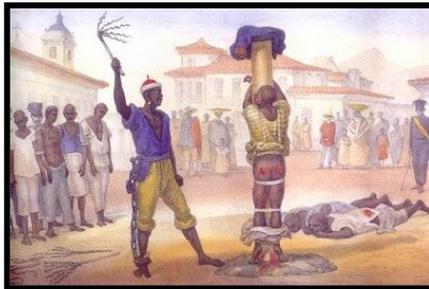
social do Brasil Imperial onde, em inúmeras cenas o indivíduo de cor se fazia presente.

## Um Jantar Brasileiro



Fonte: [http://revistacult.uol.com.br/home/wp-content/uploads/2014/10/cid\\_C35B6542-E5C2-4651-942B-62716D990B14.jpg](http://revistacult.uol.com.br/home/wp-content/uploads/2014/10/cid_C35B6542-E5C2-4651-942B-62716D990B14.jpg)

## Aplicação do Castigo da Chibata



Fontes: <http://www.camaracampos.rj.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/Aplica%C3%A7%C3%A3o-do-castigo-da-chibata.-Jean-Baptiste-Debret>

As imagens anteriores são carregadas de representações e expressam, de forma contundente, como Debret interpretava a sociedade brasileira oitocentista. Na primeira imagem "Um jantar brasileiro" percebe-se a dinâmica sociária no ambiente privado, na qual se mostra, em primeiro

plano, a rígida hierarquia social que vigorava à época, onde indivíduos de cor que viviam sob o jugo do cativo tinham seus comportamentos definidos pela classe hegemônica. A cena da segunda imagem, “Aplicação do castigo da chibata”, ilustra a paisagem social pública do Rio de Janeiro durante o século XIX, onde indivíduos escravizados eram submetidos às formas vis de vida.

## Considerações finais

O diálogo entre as disciplinas de História e Artes se apresenta como possíveis instrumentos facilitadores que pode contribuir, consideravelmente, para o processo de ensino e aprendizagem, principalmente na compreensão do escravismo no Brasil, bem como da sociedade brasileira oitocentista. Ao mesmo tempo, considera-se sua proposta importante, uma vez que vai permitir ao professor materializar a cultura e o cotidiano de uma determinada sociedade no tempo e no espaço. No entanto, ao que parece, pouco se tem utilizado tais instrumentos em sala de aula.

Percepções e interpretações relacionadas a uma, dentre outras perspectivas de observar e compreender a sociedade brasileira oitocentista, ou qualquer outro momento histórico são, no entanto, expostas em sala de aula e, conseqüentemente, (re)construídas nas imagens e a partir dessas mesmas imagens. Quando se focaliza as obras de Jean-Baptiste Debret, procura-se perceber a articulação entre as representações inseridas na própria obra, a partir dos significados múltiplos e nas interações que podem ser atribuídas.

Como se procurou mostrar ao longo deste artigo, é possível promover um diálogo contundente entre História e Artes, fazendo com que a paisagem social à época seja materializada em sala de aula. As representações que envolvem as obras de Jean-Baptiste Debret permitem que se faça uma

abordagem e se tenham uma compreensão histórica aprofundada da sociedade brasileira oitocentista.

No entanto, no que se refere às obras de Jean-Baptiste Debret, vem sendo pouco utilizadas em sala de aula enquanto recurso pedagógico, ou seja, apoiado em teorias e métodos como instrumentos norteadores do processo de ensino e aprendizagem no ensino, não apenas nas disciplinas de Artes, mas também, nas aulas de História.

Estava inserida, nas obras de Jean-Baptiste Debret uma espécie de noção de cultura histórica que diz respeito a um complexo trabalho de apreensão da temporalidade vivida. Ou seja, do tempo experimentado, do tempo vivido, bem como da sua interpretação e sensações que tinha daquela sociedade e naquele período bastante peculiar.

Assim, dentro de um processo amplo de compreensão da História através das Artes, ou seja, especificamente, das obras de Jean-Baptiste Debret, o ensino de Artes pode contribuir, consideravelmente, para o desenvolvimento intelectual do aluno. Dessa forma, a contribuição do ensino de Artes para o processo de ensino e aprendizagem em outras disciplinas, como a História, é, consideravelmente, notório.

Dessa forma, o professor não vai utilizar apenas de representações e interpretações de uma determinada sociedade, em determinado espaço e período de forma abstrata, mas também vai lançar mão de elementos concretos para a compreensão e interpretação da cultura, do cotidiano e da própria sociedade brasileira oitocentista. Para essa compreensão e interpretação as obras de Jean-Baptiste Debret são de importância ímpar.

## Referências

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *Historiografia: teoria e prática*. São Paulo: Alameda, 2014.

BARBOSA, Ana Amália. Interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino de Artes: anos de 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BERTIOLI, Carolina. *A formação do arte-educador frente à epistemologia do ensino da arte: relações, contradições e perspectivas*. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC/Campinas — Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas: 2006.

COSTA, Ercilândia Dias da. *Projeto Educativo em Artes Visuais e História*. Monografia (Bacharelado em Artes Visuais). Universidade de Brasília. Brasília: 2012.

COUTINHO, Wilson. E os franceses chegaram. In: *Catálogo Missão Artística Francesa e pintores viajantes*. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Brasil-França e Fundação Casa França-Brasil, 1990.

DIAS, Elaine Cristina. *Debret, a pintura histórica e as ilustrações de corte da "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil"*. Dissertação (Mestrado em História). UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2001.

ESTEVES, Flávia Cópio. Interpretações do passado, leituras do tempo presente. In: ABREU, Martha; SOITHET, Rachel; CONTIJO, Rebeca. *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 2010.

FAZENDA, Ivani (Org.). *O que é Interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani. (Org.). *Interdisciplinaridade na formação de professores: da teoria à prática*. Canoas: Ulbra, 2006.

FAZENDA, Ivani. (Org.). *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 12. ed. Campinas: Papirus, 1994.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. *Metodologia do ensino de artes*. São Paulo: Cortez, 2009.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. *Arte na educação escolar*. 4. ed. São Paul: Cortez, 2010

FERREIRA, Sandra. Práticas interdisciplinares na escola. In: FAZENDA, Ivani. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola: Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GONTIJO, Rebeca. O intelectual como símbolo da brasilidade: o caso Capistrano de Abreu. In: ABREU, Martha; SOI THET, Rachel; CONTIJO, Rebeca. *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de historia*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 2010.

LIMA, Valéria Alves Esteves. *A viagem pitoresca e histórica de Debret: por uma nova leitura*. Campinas: Tese [Doutorado em História] UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezi-nha Telles. *Teoria e prática do ensino de Arte: a língua do mundo*. São Paulo: FTD, 2010.

OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando. (Org.). *Formação do professor e o ensino de Artes Visuais*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes. O legado artístico de Nicolas Antoine Taunay e a polêmica "Missão Francesa". *Revista OPSIS*, UFG, Goiânia, v. 14, 2014.

SANTOS, Cleyton Rodrigues dos. *Escravos, forros e ex-escravos: o difícil acesso à cidadania — Rio Claro, 1862-1895*. Dissertação [Mestrado em História Social]. PUC/SP. São Paulo: 2008.

SCHWARCZ, Moritz Lilia. Os franceses no Brasil de D. João. *Revista USP*, São Paulo, n. 79, p. 54-69, setembro/novembro, 2008.

TREVISAN, Anderson Ricardo. *Velhas imagens, novos problemas: a redescoberta de Debret no Brasil modernista*. Tese (Doutorado em Sociologia). FFLCH/USP. São Paulo: 2011.

[Recebido: 15 out. 2014 — Aceito: 30 nov. 2014.]